

Além do sexo: Uma etnografia digital sobre *camgirls* brasileiras construindo laços afetivos na internet durante a pandemia.¹

Núbia Sena dos Santos Ramalho² (UNICAMP)

RESUMO

O presente trabalho é parte do desenvolvimento da pesquisa de mestrado inserida no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas e busca compreender, por meio da abordagem etnográfica, como a inserção no trabalho sexual online atravessa o cotidiano e as perspectivas de vida, afetividade e sociabilidade de mulheres brasileiras que exercem o trabalho de *camgirl*, sobretudo no cenário da pandemia, quando a internet ganhou ainda mais relevância para a socialização dos sujeitos quarentenados. Uma sociedade onde quase qualquer pessoa munida de um *smartphone* tem uma produtora de vídeo na palma da mão, ou seja, é uma criadora de conteúdo digital em potencial, gera as condições para a busca de outras possibilidades de promover seu sustento material de forma autônoma, dentro do próprio ambiente doméstico, de modo a manter o chamado “isolamento social” exigido durante o auge da pandemia; entre as quais se tornar uma *camgirl*, como são chamadas as profissionais do *camming*, atividade que consiste em exibicionismo online, de teor erótico ou não, através de uma *webcam*. Partindo dessa perspectiva, tal investigação pretende privilegiar as percepções e noções, das mulheres trabalhadoras do *camming*, refletindo sobre questões relacionadas ao trabalho sexual online num quadro pandêmico e pós pandêmico. Essa etnografia digital articulará as representações sociais e os discursos sobre as *camgirls* com os dados etnográficos levantados através das interações sociais com profissionais do trabalho sexual online mediadas pela internet, assim como com seus clientes. Nesse contexto etnográfico, o uso das redes sociais é constante e fundamental para construção da pesquisa, que utilizará um referencial teórico que tem como base as linhas teóricas que compõem o arcabouço sobre etnografia digital, trabalho emocional/afetivo e sexual.

Palavras-chave: *Camming, etnografia digital, afeto*

“Agora na quarentena, tem gente que está pagando para ter companhia até na hora de comer; para almoçar e jantar junto. Tem uns que perguntam: ‘tudo bem se eu pedir uma pizza e a gente ficar só conversando?’” Essa fala é um trecho de uma entrevista³ que a *camgirl*⁴ Clara Aguilar concedeu a um programa da Rede Globo de televisão em junho de 2020, falando sobre o exercício do trabalho de *cammodel* durante a pandemia. Tal

1 Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

2 Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas

3 (Disponível em <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/04/tem-cliente-que-paga-so-para-me-ver-dormindo-revela-ex-bbb-clara>)

4 Ao longo do texto termos êmicos como *Cammodel*, *Camgirl*, *Modelo* e *Chat host* serão empregados em referência às profissionais do *Camming*.

percepção sugere que para além da satisfação sexual, existem motivações de ordem afetiva e ou emocional na busca pelo serviço das *camgirls*, especialmente na conjuntura que envolve a pandemia. Nesse cenário, a internet parece ter ganhado uma importância ainda maior para a sociabilidade dos sujeitos quarentenados.

O entendimento das diversas possibilidades de usos da internet num contexto pandêmico e pós-pandêmico, a partir da ampliação das experiências que em tal conjuntura só podem ser vividas em função da internet, e tem potencial para imprimir grande energia nas relações estabelecidas entre os usuários das redes, pode revelar novas percepções sobre a ideia de espaço/ambiente, entendendo a “esfera online como um mundo de possibilidades antes inimagináveis.” (BELELI, Iara. 2015)

Nessa ambientação, o relato de chegada etnográfico, pode consistir em abrir uma janela ou aba nova no navegador do meu computador pessoal, diretamente da sala da minha residência, ou ainda abrir uma notificação que chega no meu próprio *smartphone*, através dos grupos de *WhatsApp* onde convivo com minhas colaboradoras de pesquisa. *Smartphone* esse, que passa a maior parte do tempo conectado à internet, de modo que não dependo de um deslocamento geográfico para estar totalmente imersa em campo, pois essa imersão pode se dar quase o tempo inteiro, ininterruptamente se eu assim o desejar, basta que eu esteja disponível online. Que tipo de ajuste se deve engendrar no quando a experiência de imersão etnográfica se dá literalmente de dentro de casa? Em se tratando de uma viagem experiencial, não se trata de um simples deslocamento geográfico, mesmo porque não é esse pretense deslocamento geográfico que garante alguma espécie de legitimidade à pesquisa, mas a própria experimentação antropológica, questionando a ideia de autoridade etnográfica.

Gonçalves (2020) destaca uma notável resistência nos programas brasileiros de antropologia ao exercício da etnografia digital, como se este fosse um campo carente de “autenticidade” no sentido do que é legítimo, ou feito com lisura; de modo que ainda parece existir uma espécie de desconfiança em relação à veracidade da experiência etnográfica online, como se por se tratarem de relações mediadas pelo digital, fossem menos reais. Esse entendimento vem da ideia de uma suposta autoridade etnográfica, onde o “estar lá”, em campo, presencialmente, prova a autenticidade da sua experiência.

Se o que se pretende com a observação participante é também capturar a base emocional do comportamento humano como escreve Frazer (1922) no seu prefácio para a obra clássica de Malinowsky(1922), *Argonautas do Pacífico Ocidental*, a vivência de campo online nesse ponto, não se distancia muito do que seria uma incursão etnográfica

com deslocamento geográfico, como percebo em meu campo de pesquisa, dialogando com Hardt:

[...]Esta produção, troca e comunicação afetiva é geralmente associada ao contato humano, à presença efetiva de um outro, mas esse contato pode ser tanto real quanto virtual. Na produção dos afetos na indústria do entretenimento, por exemplo, o contato humano, a presença de outros, é sobretudo virtual mas, nem por isso, menos real. (HARDT, 2003, p.152)

Para Hardt, as emoções acionadas online são tão reais quanto os afetos vivenciados offline, afinal ambas dependem de conexões emocionais que se dão no plano mental, mas não apenas, já que suas manifestações também ocorrem e inclusive são visíveis no corpo físico, o que pode ser percebido com facilidade em meu campo.

Para Feona Attwood (2011), o uso generalizado das tecnologias móveis e o desenvolvimento de tecnologias para viver uma vida na tela, fornecem o contexto para a exibição on-line do corpo das mulheres. Uma sociedade onde quase qualquer pessoa munida de um *smartphone* tem uma produtora de vídeo na palma da mão, ou seja, é uma criadora de conteúdo digital em potencial, promove as pré-condições para a busca de outras possibilidades de ganhar dinheiro sem sair de casa, entre as quais se tornar uma *Camgirl*, como são chamadas as profissionais do *camming*, atividade que consiste em exibicionismo online, de teor erótico ou não, através de uma *webcam*.

Esse tipo de trabalho se apresenta como uma alternativa segura em se tratando de um contexto pandêmico, já que as transmissões ao vivo podem ser feitas diretamente de casa, numa modalidade de teletrabalho. Ricardo Antunes (2019) elenca como consequência negativa do *Home office* o trabalho realizado de maneira isolada, individualizada, dessociabilizada, desprovido do convívio coletivo. Essa dimensão do isolamento inerente a esse tipo de trabalho também é abordada por Lorena Caminhas (2020) em sua tese de doutorado: “Como no geral as mulheres transmitem de casa e de seus quartos, elas passam muito tempo fechadas em suas residências submersas no ambiente online, o que acarreta uma diminuição das relações sociais” (Caminhas, L. 2020 p. 116).

Teela Sanders (2017) em sua pesquisa sobre Trabalho Sexual na internet afirma que os grupos de apoio online e redes de contato constituem importante fonte de

informações, apoio de colegas, solidariedade e comunidade que reduzem o isolamento e proporcionam maior segurança (Sanders et al, 2017).

Attwood, F. (2011) considera que os *camsites* não são simplesmente sobre exibicionismo ou sexo virtual, mas sobre mulheres como usuárias de tecnologia, que estão produzindo cultura e construindo sociabilidades através da internet, desafiando a representação da mulher como tecnologicamente inepta. Para Attwood, F. (2011) novas formas de pornografia interativa online derrubam a distância entre o sujeito e o objeto e entre a passividade e a atividade. Isso pode ser exemplificado através dos usuários que pagam às *cammodels* por práticas de dominação feminina, onde eles se exibem executando as ordens que as modelos lhes dão, são comuns diversas práticas consideradas “fetichistas” como o *pegging*⁵, por exemplo.

O *Camming* pode ser caracterizado como uma espécie de entretenimento adulto alternativo à pornografia hegemônica em sua maior parte dirigida por homens cisgêneros, na medida em que as *camgirls*, em tese, teriam autonomia sobre seus corpos e trabalho, quando tem a opção de definir limites e atos que realizam. Adriana Piscitelli (2007) evidencia que as delimitações do trabalho sexual são frutos de negociações feitas cotidianamente. Considerando que a performance é fruto de uma negociação entre profissional e cliente, é a *camgirl* quem decide que ângulo a câmera capta. Attwood, F. (2011) ao abordar a questão da agência sexual na atividade de *camgirl* convida a reconsiderar a exibição do corpo da mulher online a partir da noção Foucaultiana de “tecnologias do self” Foucault (1988) como parte de uma tentativa de formular uma visão da subjetividade que elucide como os sujeitos devem se basear nos discursos disponíveis, e mesmo assim podem agir autonomamente.

Dessa maneira é pertinente a observação das estratégias das mulheres em relação ao manejo do corpo, e sua encenação erótica enquanto interpretam o personagem *cammodel*, na maior parte das vezes adotando um pseudônimo e construindo uma corporalidade própria através de um estratagema que envolve técnicas de sedução, conduta e terminologias muitas vezes apreendidas com *coachs*, o que nos permite pensar numa espécie de pedagogia do *camming*, inclusive; além de todo um arsenal de roupas e acessórios como perucas, apliques de cabelo e maquiagem especialmente pensados para surtir o máximo efeito de performance de feminilidade, no sentido de tornar aquela imagem o mais lucrativa o possível. Piscitelli, Assis e Olivar (2011)

5 A prática do *Pegging* na *dominação feminina* consiste na penetração anal masculina realizada por uma mulher usando um dildo. Em português a prática é conhecida pelo termo *inversão*, ou *inversão de papéis*.

compreendem tais estratégias como formas de garantir algum nível de privacidade, delimitando as fronteiras entre vida pessoal e profissional, no intuito de minimizar os possíveis efeitos do estigma sobre a vida íntima das trabalhadoras.

Parece interessante perceber como a ideia de intimidade pode ser acionada para se pensar as afetividades cultivadas no contexto online:

Historicamente compreendida como entre o público e o privado, a intimidade se modifica no uso dos aplicativos, já que passa a ser performatizada para o outro – e até para si própria – assim como inserida em um imaginário de classe. P. 3 (MISKOLCI e PELÚCIO 2017)

Tal noção de performatização da intimidade, alojada num imaginário de classe me fez recordar um diálogo que estabeleci numa incursão etnográfica. Em uma tarde de domingo no auge da pandemia, conversava com Tom*⁶ um homem de 24 anos, Norueguês, branco, heterossexual, cisgênero, em uma das salas de um site estrangeiro de *webcamming* onde trabalham muitas *cammodels* brasileiras. Tom estava sem camisa, a imagem transmitida pela *webcam* dele enquadrava apenas do seu umbigo pra cima, cabelo tingido de azul, com uma espécie de corte moicano, conversava animadamente com diversas modelos simultaneamente, enquanto usava maconha através de um longo *bong* de vidro. No meio da nossa conversa, Tom me contou que uma das modelos brasileiras com quem ele interagia frequentemente, havia se declarado apaixonada por ele, porém ele me questionava sobre a possibilidade de o afeto descrito pela moça ser de fato real. Quando eu o indaguei sobre o porque não haveria de ser real, ele me respondeu sem titubear: “ela só me disse isso para me fidelizar enquanto cliente”.

Num outro momento, nesse mesmo site, John*, um jovem branco heterossexual, cisgênero, de 25 anos, com longos cabelos loiros e olhos azuis, residente no interior da Alemanha compartilhava comigo que já havia namorado uma das modelos daquele site, e que era tão apaixonado por ela que havia até “cometido a loucura”, nos termos dele, de ter pego um avião para encontrar a moça na Polônia, onde ela vivia, de lá eles viajaram juntos para Amsterdam, ele contou que foi uma viagem muito romântica.

A partir dessas percepções dos meus interlocutores, pergunto-me de que maneira os afetos atravessam as experiências vividas no *camming*? Fazendo uma análise ainda muito preliminar, visto que a pesquisa se encontra em desenvolvimento, me parece que

6 Os nomes são fictícios, a fim de garantir o anonimato dos interlocutores.

a posição geográfica dos envolvidos e o domínio da língua inglesa no caso desse site especificamente, influencia no caráter da relação que pode vir a se construir nesse contexto, considerando-se o imaginário de classe que permeia a construção das intimidades online. Enquanto a *camgirl* brasileira foi quase automaticamente lida como uma interesseira em potencial pelo cliente norueguês, a polonesa foi digna de tratamento romântico por parte do cliente alemão. Não pretendo com isso afirmar que não existam relações afetivas genuínas entre modelos brasileiras e clientes provenientes do norte global, repito que trata-se de uma observação preliminar. Além disso deve-se considerar as idiossincrasias e percepções afetivas e relacionais próprias de cada sujeito, no intuito de não recair em afirmações simplistas. Note que nos dois casos, não tive maiores informações, inclusive de caráter fenotípico até então, que trouxessem a presença de demais marcadores sociais da diferença a cerca das modelos de quem os europeus falavam, apenas tomei conhecimento da sua localização geográfica.

Um estudo cuidadoso sobre esse fato é importante principalmente em momentos como uma pandemia, marcado por grande estresse social, como aponta Gayle Rubin em *Thinking Sex* (1984). A teoria radical do sexo apresentada por Rubin, em contraponto ao conservadorismo nos convida a abordar a questão evitando marcos simplificantes, que considerem o trabalho sexual como inerentemente explorador ou empoderador, fugindo de um entendimento binário e essencialista do problema.

A escassa produção científica brasileira acerca do *camming* em sua maior parte caracteriza a atividade como uma categoria engendrada no mercado do sexo, como uma espécie de sub gênero dentro da pornografia. Alguns desses trabalhos como os de Maycon Lopes (2013), Thaís Miranda (2014) e Weslei Silva (2014) definem o *camming* como “pornografia amadora online” ou ainda “ciberprostituição” para Rafael Saldanha (2017). Roseli Bregantin (2017) afirma que a atividade de *cammodel* é distinta da prostituição, definindo-a como uma espécie de “pornografia interativa online”, a pesquisadora se dedica à investigação da “uberização” na pornografia. Lorena Caminhas (2020) levanta uma discussão sobre a dicotomia entre como as *cammodels* entendem seu trabalho e como ele é entendido pelos clientes, trazendo algumas falas de suas interlocutoras que apontam que seu trabalho é absolutamente distinto da prostituição, enquanto outras entrevistadas enxergam uma certa similaridade entre sua atividade e a pornografia.

A investigação de Piscitelli (2007) aponta que a depender da conjuntura e configurações em que ocorrem as transações, os sujeitos implicados em tais atividades nem sempre se percebem como trabalhadores sexuais. Percebo questões analiticamente produtivas na tensão entre o entendimento que as camgirls têm sobre o seu trabalho e a forma como ele é vendido para os usuários do serviço. Ainda refletindo sobre a produção brasileira sobre o tema cabe uma pergunta: Como seria uma categoria amadora de pornografia se as suas personagens são profissionais e estão se exibindo na webcam a trabalho? Desse modo, pretendo no meu campo problematizar tais abordagens a partir da experiência etnográfica.

METODOLOGIA

Do ponto de vista do método, que visa determinar a maneira pela qual obtemos os dados necessários para a elaboração da pesquisa, a estratégia desenvolvida para realização da pesquisa, foi a priori um levantamento bibliográfico, com intuito de identificar o tema em materiais específicos pretendendo reunir e condensar em um corpus teórico; assim como as fontes jornalísticas também se fizeram presentes ao longo dessa breve investigação. A execução da presente pesquisa se dá também a partir de trabalho de campo de caráter etnográfico, método canônico da antropologia sistematizado por Malinowski (1922). Em tal contexto etnográfico, o uso das redes sociais é de suma importância para construção da pesquisa, visto que fazem parte da realidade diária de meus interlocutores, as redes sociais e a internet são parte constituinte de suas vidas, permitindo que exista uma observação participante de suas redes sociais e grupos de *WhatsApp*, assim como a possibilidade de entrevistas e conversas informais online, além da própria incursão etnográfica nas plataformas que hospedam os conteúdos e transmitem as exibições ao vivo. Dessa maneira, a etnografia digital a partir das perspectivas de Christine Hine (2000, 2015), Daniel Miller e Don Slater (2000) e Miller e Heather Horst (2012) constitui o alicerce para executar essa observação participante no meio virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018. 325 p.

ATTWOOD, F. Through the looking glass? Sexual agency and subjectification online. In R.Gill & C. Scharff (Eds.), **New femininities: Postfeminism, neoliberalism and subjectivity** (pp. 203–214). London, UK: Palgrave Macmillan UK. 2011.

BARBOSA, Roseli Bregantin. **Camgirl and the Uberization of Sex Work on the Internet in Brazil**. 2021 by Atena Editora Copyright© , p. 28, 2021.

BELELI, Iara. The imperative of images: construction of affinities through the cuse of digital media. **cadernos pagu**, p. 91-114, 2015.

BENÍTEZ, Maria Elvira Díaz. **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FOUCAULT, M. (1988) 'Technologies of the Self' in L. H. Martin et al. (eds), **Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault**. University of Massachusetts Press.

GONÇALVES, I. V. Da etnografia multissituada à “plataformizada”: aproximações entre antropologia e estudos de plataforma. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991),[S. l.], v. 29, n. 2, p. e175274, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175274. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/175274>. Acesso em: 14 jan. 2022.

HARDT, M. O trabalho afetivo. In: Lancetti A, organizador. **O reencantamento do concreto**. São Paulo: Hucitec; 2003. p. 145-57

HENRY, Madeline & Farvid, Panteá. (2017). 'Always hot, always live': Computer-mediated sex work in the era of 'camming'. **Women Studies Journal**. 31. 113-128.

HINE, C. Virtual ethnography. London: Sage, 2000.18. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. London: Bloomsbury Publishing, 2015.

JONES, Angela. **Camming: Dinheiro, Poder e Prazer na Indústria do Trabalho Sexual**. New York: NYU Press, 2020.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1922. Preface (pp. v-x); Foreword (pp. xi-xiii); Introduction (pp. 1-20); **Argonauts of Western Pacific**. London: Routledge.

MILLER, D. Social networking sites. In: HORST, H; MILLER, D (orgs). **Digital Anthropology**. London: Berg, 2012, p. 146-164.

MILLER, D; HORST, H. The digital and the human: a prospectus for digital anthropology. In: HORST, H; MILLER, D (orgs). **Digital Anthropology**. London: Berg, 2012, p. 3-38. 222

MILLER, D; SLATER, D. **The internet: an ethnographic approach**. Oxford: Berg, 2000.

MISKOLCI, Richard e PELÚCIO, Larissa. Gênero, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2017, v. 25, n. 1 [Acessado 7 Agosto 2022] , pp. 263-268. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p263>>. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p263>.

NOGUEIRA, Paula Pires Batista. Todos querem paz e amor, mas o dinheiro apimenta o mundo: notas iniciais sobre clientes de cam girls, afeto e mercado transnacional de sexo online. In: OLIVEIRA, Thiago (Org.). **Homens nos mercados do sexo: reflexões sobre agentes, espaços e políticas**. 1. Ed. Salvador: Editora De vires, 2019. p. 105-134.

PARREIRAS, C; LINS, B.; FREITAS, E. Estratégias para pensar o digital. In: **Cadernos de Campo**, 29 (2), 2020.

PELÚCIO, L. M., & VASCONCELOS, M. F. F. V. (2021). Amor em tempos de aplicativo: entrevista com a antropóloga Larissa Pelúcio. **Cadernos De Campo** (São Paulo – 1991), 29(2), e175150. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175150> (Original work published 31 de dezembro de 2020) *questao-feminista*. Acesso em: 26 mar. 2021.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, pág. 7-23, dezembro de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S010483332005000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 de outubro de 2020.

_____. Shifting boundaries: sex and Money in the northeast of Brazil. In: **Sexualities**, v.10, n.4, 2007, p.489-500.

_____. Feminismo e prostituição no Brasil: uma leitura a partir da antropologia feminista. In: **Cuadernos de Antropología Social**, n.36, 2012, p.11-31.

_____. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas: novas questões conceituais. In: **Cadernos Pagu**, n. 47, 2016, p. 1-31.

PISCITELLI, A.; ASSIS, G.; OLIVAR, J. Introdução: transitando através de fronteiras. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G.; OLIVAR, J. (Org.). **Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011, p. 5- 30.

ROST, Mariana. “Centenas de pessoas online”, mas nem tantas: a produção da diferença na pornografia live streaming do cam4.com. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017.

Disponível em <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=81>. Acesso em 24 de outubro de 2020.

RUBIN, Gayle. **Pensando Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade.**

Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes Revisão de Miriam Pillar Grossi. 1994

SANDERS, Teela et al. **Beyond the Gaze: Summary Briefing on Internet Sex Work.** University of Leicester. 2017.

FONTES ELETRÔNICAS

TEM cliente que paga só pra me ver dormindo, revela ex-BBB Clara. **Portal UOL.** 2020. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/04/tem-cliente-que-paga-so-para-me-ver-dormindo-revela-ex-bbb-clara.htm>. Acesso em 28 mar. 2021.

PERIÓDICOS

APÓS coronavírus, busca por sites pornô e camgirls cresce no Brasil. **Revista VEJA.** 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/apos-coronavirus-busca-por-sites-pornos-e-camgirls-cresce-no-brasil/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

AS CAMGIRLS brasileiras estão enchendo o bolso na quarentena. **Site VICE.** 2020. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/884bwa/as-camgirls-brasileiras-estao-enchendo-o-bolso-na-quarentena>. Acesso em: 07 set. 2020.

CAMGIRLS: quem são e o que está por trás da indústria do camming. **Revista Glamour.** Edição Agosto/2020. Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2020/08/cam-girls-quem-sao-e-o-que-esta-por-tras-da-industria-do-camming.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

NUM mundo em pandemia camgirls veem seus números crescerem cada dia de quarentena. **Revista Marie Claire,** 2020. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2020/05/num-mundo-em-pandemia-cam-girls-veem-seus-numeros-crescerem-cada-dia-de-quarentena.html> Acesso em: 28 mar. 2020

QUARENTENA: coronavírus aquece o mercado de striptease na internet. **VEJA RIO.** 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/coronavirus-camgirls-striptease-internet/>. Acesso em: 07 nov. 2020.

RELATO de uma camgirl de primeira viagem na quarentena. **Revista TPM.** 2020. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/relato-de-uma-camgirl-de-primeira-viagem-na-quarentena>. Acesso em: 05 set. 2020.

TESÃO em quarentena: Dias e noites de uma cam girl durante a pandemia. **Revista piauí.** Edição 165. 2020 Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tesao-em-quarentena/>. Acesso em: 01 jun. 2020.